

**Análise IDH: "O social foi bem, mas não tivemos responsabilidade econômica"**

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Para Marcelo Neri, diretor do FGV Social, o social foi bem, mas o Brasil não teve a responsabilidade econômica de fazer a reforma da previdência e de atuar sobre a produtividade. PUBLICIDADE Atualmente, há uma percepção aparentemente generalizada de que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil, medido pelo Pnud, não avançou muito nos últimos anos. A recessão e o desemprego seriam sinais de que os ganhos sociais ocorreram de modo insustentável, com avanços só na parte da renda. Porém, os dados mostram que o IDH brasileiro subiu nos últimos 30 anos 0,85% ao ano, resultado acima da média global de 0,74% ao ano. Se pegarmos o mapa mundial de desenvolvimento humano, observamos que o Brasil tinha níveis médios africanos 25 anos atrás. Houve, portanto, transformação social profunda. Em 1991, cerca de 85% dos municípios brasileiros possuía IDH muito baixo. Em 2010, esta estatística passa a 0,6%. LEIAS MAIS Brasil fica estagnado no ranking de desenvolvimento humano da ONU Brasileiras ficam mais tempo na escola, mas ganham menos que homens, aponta ONU País perde 17 posições no ranking de bem-estar, quando considerada a desigualdade Quiz: Brasil tem menos mulheres no parlamento que o país com pior IDH do mundo. Sabe qual é? O problema é que tivemos a agenda social desconectada da agenda econômica. O social foi bem, mas não tivemos a responsabilidade econômica de fazer a reforma da previdência e de atuar sobre a produtividade. Os gastos públicos como proporção do PIB no Brasil subiram de 10,8% em 1991 para 19,7% em 2016. PUBLICIDADE Em 1980 a expectativa de vida era 62,5 anos e em 2016 passa a 75,8 anos. Ou seja, a cada três anos do calendário a expectativa de vida avançou pouco mais de um ano. A fertilidade também caiu de forma contundente. A expectativa de vida aumentou, mas não fizemos a reforma da previdência. Gastamos 13% do PIB com previdência e o Japão, a nação mais longeva do mundo, gasta 10%, embora tenha uma população com mais de 65 anos 350% maior que a nossa. O agravante é que vamos multiplicar por cinco nossa população de idosos nos próximos 50 anos. O mesmo problema ocorre em escala estadual. É sintomático que as duas unidades da federação com maior proporção de idosos são aquelas com maiores problemas fiscais como Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. A educação avançou com baixa qualidade, apesar das conquistas quantitativas. Aumentamos o acesso à escola de forma positiva. Em 1990, tínhamos 16% das crianças de sete a 14 anos fora da escola. Hoje, temos menos de 2%. Aumentou a escolaridade, mas a produtividade não. Em 1980, a produtividade do Brasil era igual à da Coreia. Hoje temos um terço da produtividade coreana por vários fatores: escolaridade, falta de conexão da educação com a economia, ambiente de negócios, carência de engenheiros, entre outros. O Brasil seguiu uma agenda de educação pela cidadania que tem seus méritos, mas pouco enfoca a produtividade. Houve não só um crescimento da remuneração do trabalho acima da produtividade do trabalho, na média, em pelo menos parte do período, como em termos microeconômicos desagregados o maior ganho de salários ocorrido na base da distribuição do setor formal não foi acompanhado de melhora dos fundamentos da produtividade. Em suma, a agenda social manifestada na transformação da trilogia dos componentes do IDH está em larga medida desconectada da econômica.



Marcelo Neri, economista e diretor do FGV Social